

## ATIVIDADE EPIINGUÍSTICA: DOS PRINCÍPIOS À CARACTERIZAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

### EPIINGUISTIC ACTIVITY: FROM PRINCIPLES TO THEORETICAL-METHODOLOGICAL CHARACTERIZATION

DOI 10.20873/uft2179-3948.2023v14n3p147-173

Adriana Delmira Mendes Polato<sup>1</sup>

Renilson José Menegassi<sup>2</sup>

Márcia Cristina Grego Ohuschi<sup>3</sup>

**Resumo:** O trabalho busca compreender a constituição teórico-metodológica da atividade epilinguística, a considerar sua proposição na Linguística Geral, com Antoine Culioli, sua introdução, ramificação e reinterpretação de direção pedagógica na Linguística Aplicada do Brasil, com Franchi e Geraldi e seus desenvolvimentos expansivos dialógicos mais recentes. O objetivo central é sistematizar princípios e caracterizar aspectos teórico-metodológicos basilares, com vistas à produtividade da abordagem nas práticas de ensino de língua sob uma perspectiva discursiva.

**Palavras-chave:** Atividade epilinguística; Análise linguística; Ensino.

**Abstract:** The work seeks to understand the theoretical and methodological constitution of epilinguistic activity, to consider its proposition in General Linguistics, with Antoine Culioli, his introduction, branching and reinterpretation of pedagogical direction in Applied Linguistics in Brazil, with Franchi and Geraldi and their most recent expansive dialogical developments. The central objective is to systematize principles and characterize basic theoretical and methodological aspects, with a view to the productivity of the approach in language teaching practices from a discursive perspective.

**Keywords:** Epilinguistic activity; Linguistic analysis; Teaching

---

<sup>1</sup>Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Professora Adjunta do Departamento de Letras Português/Inglês da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Campus Campo Mourão) e docente permanente do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Desenvolvimento. E-mail: ampolato@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8764-4217>.

<sup>2</sup>Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Pós-Doutorado pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Professor Associado do Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias da Universidade Estadual de Maringá (UEM), docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras (UEM). E-mail: renilsonmenegassi@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7797-811X>.

<sup>3</sup>Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), com Pós-Doutorado em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Professora Associada da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA/Campus Castanhal), docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UFPA) e do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras/UFPA). E-mail: marciagregco@ufpa.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8292-9806>.

## Introdução

As discussões que envolvem a compreensão de aspectos teórico-metodológicos da atividade epilinguística, na Linguística Aplicada (LA) do Brasil, são sumariamente importantes a uma proposta de ensino de Língua Portuguesa que visa à formação de sujeitos-alunos responsivos ativos e éticos na compreensão e na produção de enunciados concretizados em gêneros mobilizadores de discursos, nos amplos espaços da sociedade. Como atividade mediadora da reflexão sobre a língua em contexto sócio-histórico, cultural e ideológico de uso, em seus modos inconscientes ou conscientes, a depender de seu viés discursivo de abordagem, a constituição teórico-metodológica da atividade epilinguística encontra-se dispersa e está alinhavada por pontos de vista teóricos heterogêneos, a incluir entrelaçamentos dialógicos em seus desenvolvimentos mais recentes (POLATO; MENEGASSI, 2020). Daí a necessidade de, no fio da historicidade do objeto, apontar, por revisão sistematizada, os princípios teóricos, os aspectos caraterísticos e os entrelaçamentos dialógicos que constituem seus pressupostos teórico-metodológicos à prática determinada em situação de ensino de língua portuguesa.

Fato é que sem epilinguagem - atividade socioideológica, espontânea, praticada o tempo todo pelo falante de uma língua ao refletir sobre a significação de palavras e expressões, dada uma situação de interação discursiva, ou atividade conscientemente mediada e estimulada no processo de ensino e aprendizagem das práticas de linguagem - não se coloca em foco a compreensão e a apreensão de efeitos de sentidos, ou valorações<sup>4</sup> compartilhados nos enunciados. Nesse caso, sem a epilinguagem, a língua é abordada como estrutura, como arquivo nas práticas de ensino e aprendizagem, a corroborar o assujeitamento (FRANCHI, 1987). Do mesmo modo, as formas linguísticas não são investidas de novas significações, princípio dialógico por natureza de sua existência e uso. Por adição, sem a epilinguagem, não se constitui o discurso vivo, mas apenas a cópia cognitiva (BAKHTIN, 1988 [1975]). Isso porque o discurso, em perspectiva dialógica, é compreendido como língua viva, como concretude, mediando a interação (FRANCO; ACOSTA-PEREIRA; COSTA-HÜBES, 2019; ROHLING,

---

<sup>4</sup> A expressão “efeitos de sentido” é apropriada largamente pela LA do Brasil da Análise de Discurso de linha francesa. A partir da posição teórica dialógica, a substituímos por “valoração”, visto o compartilhamento de valores se dar na interação discursiva no evento de interlocução demarcada, o que remete às avaliações consumadas que ocorrem em dada atmosfera axiológica da enunciação, num cronotopo, a indicar a vida ideológica do discurso e as relações sociais representadas no enunciado.

2014). Nesse sentido, a atividade epilinguística é haste sociovalorativa das práticas de linguagem subjacentes a uma concepção de língua(gem) sócio-histórica, cultural e ideológica, constituída, ininterruptamente, na e a partir das interações discursivas, do mesmo modo que os sujeitos coprodutores de sentidos assim se constituem e se refratam inconclusos, inacabados nas relações sociais mediadas pelo uso da língua(gem).

Justificada a importância que as atividades epilinguísticas têm para a compreensão e a produção do discurso e para a própria relação entre sujeitos, linguagem e sociedade, assumimos as indicações preliminares de Bakhtin (2003 [1979]), em “Metodologia das Ciências Humanas”, para empreender movimento dialógico de pesquisa, ao historicizar o objeto e apontar novidades, a considerar a compreensão valorativa da língua em uso. Esse movimento, coadunado ao objetivo da Linguística Aplicada de corroborar a solução “de problemas com relevância social suficiente para exigirem respostas teóricas que tragam ganho a práticas sociais de seus participantes” (ROJO, 2006, p. 258), permite-nos construir um percurso qualitativo e interpretativo de quatro momentos: i) compreender a constituição da atividade epilinguística na Linguística Geral, com Antoine Culioli; ii) discutir sua introdução, ramificação e reinterpretação pedagógica na LA do Brasil, com Franchi (1987) e Geraldí (1991), respectivamente; iii) referenciar desenvolvimentos que reverberam um delineamento expansivo dialógico; iv) sistematizar e caracterizar seus aspectos teórico-metodológicos basilares, com vistas à sua prática pedagógica no ensino de língua, sob uma perspectiva dialógica. Antes disso, apresentamos inquietações iniciais que justificam o traçado metodológico instituído para o tratamento do objeto, a atividade epilinguística.

Sylvain Auroux (1989), pesquisador da história e da epistemologia das Ciências da Linguagem, atribui ao linguista francês Antoine Culioli a origem do conceito de epilinguismo. No Brasil, Culioli é conhecido pela Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, ou Teoria das Operações Enunciativas (doravante TOPE). Desse lugar da Linguística Geral, o autor não prenuncia o conceito de epilinguismo em artigo específico, mas o gesta em sua obra, sem pretensões de aplicação pedagógica, especialmente nos três tomos da arquitetura *Pour une linguistique de l'énonciation*<sup>5</sup> (ROMERO, 2011), com complementações em *Onze*

---

<sup>5</sup> *Pour une linguistique de l'énonciation*. Opérations et représentations (1990) – tomo 1; *Pour une linguistique de l'énonciation*. Formalisation et opérations de repérage. (1999) - tomo 2 ; *Pour une linguistique de l'énonciation*. Domaine notionnel (1999) - tomo 3. Dessa coletânea, faz parte o texto “La formalisation en linguistique”, publicado originalmente por Culioli em 1968. Nele, aparece o termo “epilinguístico”, porém, o conceito de atividade epilinguística constitui-se ao longo da obra do autor.

*rencontres sur le langage et les langues* (2005), texto em que ele e o linguista Claudine Normand estabelecem debates a respeito da linguagem.

No Brasil, há um grupo de pesquisadores caudatários dos postulados culiolianos (ONOFRE, 2003, 2009, REZENDE, 2008, ROMERO, 2011; ARNDT-WAMSER; REZENDE, 2013, 2019, ARNDT-WAMSER, 2018), entre outros, que reinterpretem a atividade epilinguística a partir de seu potencial de prática pedagógica, a tomar os pressupostos de Culioli e as discussões de Franchi (1977, 1987) como nortes iniciais. De Franchi (1977, 1987), especialmente, vem a interpretação brasileira de direção pedagógica, que reverbera em parte essa perspectiva.

Em razão de suas intenções pedagógicas, os pesquisadores citados também se apoiam em documentos oficiais para o ensino de língua no Brasil, como os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (BRASIL, 1998), que, por sua vez, já refletem compreensões expansivas da atividade epilinguística como componente da prática de análise linguística pedagógica, como pronunciada nos anos de 1980 e início de 1990, no bojo da ressignificação interacionista e dialógica proposta por Geraldi (1984, 1991).

Enquanto para Culioli a epilinguagem é sinônimo da própria linguagem, trabalho que envolve representação, referenciação e equilibração, para Geraldi (1991), a atividade epilinguística é reflexão que envolve operações com e sobre a linguagem, demarcadas em estratégias de dizer. A atividade epilinguística, para Geraldi (1991), também, está associada às atividades metalinguísticas e linguísticas, a formar o tripé da prática de análise linguística (PAL) pedagógica. A visão de Geraldi não apaga vários dos pressupostos anteriormente dados por Culioli à atividade, mas os ressignifica em partes fundamentais, como aqui se pretende apresentar, analisar e discutir.

A dispersão, as diferentes ramificações e até mesmo os entrelaçamentos que tais vertentes apresentam necessitam ser apontados, compreendidos e elucidados de um ponto de vista histórico, para que seja possível uma caracterização de aspectos da atividade epilinguística importantes de serem considerados no processo de ensino e aprendizagem das práticas de linguagem. O texto aponta caminhos para que diferentes perspectivas discursivas de trabalho com a linguagem se valham da atividade epilinguística para a abordagem do discurso em situação de ensino e aprendizagem. No entanto, o percurso de investigação por nós instituído coloca em foco o objetivo final de compreender a caracterização da atividade epilinguística do ponto de vista de sua aplicação pedagógica, sob orientação da perspectiva dialógica e enunciativa de trabalho com a linguagem, preconizada pelo Círculo de Bakhtin e também por

pesquisadores linguistas aplicados brasileiros, a constatar a ratificação em documentos oficiais orientadores do ensino de língua no Brasil.

### 1 Atividade epilinguística em Culioli

Para Culioli (1990), a atividade epilinguística é sinônimo de linguagem, “ela mesma definida como um trabalho de representação, referenciação e equilibração” (CULIOLI, 1990, p. 14)<sup>6</sup>. Em visão vinculada à TOPE, a representação corresponde a um primeiro nível de análise, centrado em aspectos empíricos, experienciais do sujeito, ou seja, representações mentais relacionadas à sua percepção de mundo já constituída pelos valores sociais dos grupos aos quais pertence e interage. Nesse caso,

as representações mentais são organizadas a partir das experiências que elaboramos desde nossa infância mais longínqua, que construímos a partir de nossas relações com o mundo, com os objetos, com o outro, do fato de pertencermos a uma cultura, do interdiscurso no qual nos banhamos (CULIOLI, 1990, p. 21)<sup>7</sup>.

Apesar de os caminhos interpretativos serem outros, a visão de Culioli (1990) não destoa totalmente de uma concepção sociológica e dialógica de linguagem como um processo sócio-histórico contínuo de construção e produção de sentidos apoiadas em relações discursivas empreendidas por sujeitos historicamente situados (BRAIT, 2008, SOBRAL; GIACOMELLI, 2016), em que “os objetos do mundo social adquirem funções outras como resposta às diferentes situações de interação, [e aos discursos já ditos], passando a significar além de suas particularidades materiais, tornando-se signos ideológicos (PEREIRA; BRAIT, 2020, p. 147).

A retomar a concepção de linguagem de Culioli (1990), Lima (2016) explica que o nível de representação é constituído de três outros: 1º) epilinguístico, nível da ordem cognitiva e afetiva, ao qual o linguista não tem acesso direto, mas que possibilita a instauração de reflexão, por ser constituído da paráfrase; 2º) linguístico, nível em que se localizam os traços de representação do nível epilinguístico, os arranjos lexicais e gramaticais concretizados na materialidade linguística; 3º) metalinguístico, nível da formalização de possíveis fenômenos da língua, de observação das representações ocorridas em nível epilinguístico. Os três níveis

<sup>6</sup> "elle-même définit comme opérations de représentation, de référénciation et de regulation" (CULIOLI, 1990, p.14). Todas as traduções são nossas.

<sup>7</sup> "de représentations qui organisent des expériences que nous avons élaborées depuis notre plus jeune enfance, que nous construisons à partir de nos relations au monde, aux objets, à autrui, de notre appartenance à une culture, de l'interdiscours dans lequel nous baignons" (CULIOLI, 1990, p. 21).

mantêm interdependências, sendo a operação de representação a que ordena os arranjos dos enunciados.

Na representação, ocorre a operação primitiva de localização, anterior à enunciação, isto é, os enunciados tomam os valores referenciais por meio dos sistemas de localização, a considerar o ponto de ancoragem que constitui a situação de enunciação (FUCHS; LE GOFFIC, 1985). Para Culioli (1990, p. 75), “[...] a ideia básica é a de que um objeto somente adquire um valor determinado por meio de um sistema de localização”<sup>8</sup>. Conforme explica Arndt-Wamser (2018),

Com a operação de localização o nível da representação mental adentra o espaço da análise linguística, expressando os valores possíveis e referenciáveis para uma determinada noção. Os valores estabilizados nesse nível, por meio da operação descrita, serão representados por meio da língua na segunda operação de linguagem – a referenciação (ARNDT-WAMSER, 2018, p. 90).

A referenciação, por sua vez, permite a constituição de glosas linguísticas, ou seja, explicações de textos, ou “textos que um sujeito produz, de modo espontâneo ou em resposta a uma solicitação, para comentar um texto precedente” (CULIOLI, 1999a, p.74)<sup>9</sup>, e que ligados à atividade epilinguística ajudam a tornar consciente um saber inconsciente por meio da metalinguagem (ROMERO, 2011), a grande característica da atividade epilinguística e visão culioliana. O nível da referenciação permite a constituição de famílias parafrásticas, construídas pelo linguista no papel de sujeito enunciador, as quais Culioli (1990, p. 137) compreende como “classe de enunciados, que se pode definir como uma classe de ocorrências moduladas”<sup>10</sup>. Assim, a atividade de referenciação diz respeito à construção de uma relação entre um elemento do domínio linguístico e um elemento do domínio extralinguístico, em que o primeiro, de modo global, é um enunciado e o segundo é um acontecimento ou um evento. A construção da relação entre o domínio linguístico e o extralinguístico pelo primeiro enunciador e a tentativa de reconhecimento dessa relação por um segundo enunciador é o que constitui a atividade de referenciação (HOLMO, 2008). Em ambos os casos, possibilita-se a estabilização (regulação) da significação, a considerar que as glosas se relacionam com atividade epilinguística anterior,

<sup>8</sup> “The basic idea is that an object only acquires a determined value by means of a system of location” (CULIOLI, 1990, p. 75).

<sup>9</sup> “textes qu’un sujet produit lorsque, de façon spontanée ou en réponse à une sollicitation, il commente un texte précédent” (CULIOLI, 1999a, p. 74).

<sup>10</sup> “classe d’énocés, que l’on peut définir comme une classe d’occurrences modulées” (CULIOLI, 1990, p. 137).

de natureza espontânea, e a paráfrase resulta de uma atividade metalinguística já controlada e avaliada.

Desse modo, o processo de referenciação constitui-se como lugar de materialização de operações de linguagem e também das invariantes linguísticas. Isso porque a língua varia constitutivamente, o que nos permite compreender a estabilidade e, ao mesmo tempo, a instabilidade da linguagem. Conforme explicam Almeida e Kiihl (2017, p. 462), “a referenciação consiste em operações por meio das quais a linguagem permite dizer algo do mundo. Incluem os arranjos de formas derivados da materialidade das línguas constituindo-se em um modo particular de apreender este mundo”.

Já o processo de equilibração é dialógico, e tanto pode funcionar a partir da relação entre aquele que enuncia com o outro ou com um intrassujeito, a permitir a avaliação do que dizer e como dizer. Forma-se, a partir desse processo, um jogo de construção de arranjos léxico-gramaticais e a avaliação de sua pertinência (ARNDT-WAMSER, 2018). Nesse sentido, a equilibração é processo de regulação, explicada por Almeida e Kiihl (2017):

A regulação evoca o jogo de relações entre posições enunciativas construídas nos e pelos enunciados. Tais posições não se configuram como oriundas de indivíduos em sua singularidade de sujeitos, mas do que os enunciados, como arranjos formais que são, permitem reconstruir em termos de sentido (ALMEIDA; KIIHL, 2017, p. 462).

Nessa compreensão, em dimensão pedagógica, a atividade epilinguística seria a própria atividade da linguagem, sendo os processos de produção e reconhecimento de textos que compõem a atividade da linguagem intrinsecamente ligados aos processos formativos do discurso, onde ocorrem “os arranjos léxico-gramaticais organizados a partir de um esforço anterior à verbalização – a atividade epilinguística” (ARNDT-WAMSER; REZENDE, 2013, 154). A língua, portanto, é estudada em articulação com a linguagem, ao se enfatizar “o trabalho interno de montagem e desmontagem de arranjos, significados ou valores” (REZENDE, 2008, p. 97), com sustentação em dois movimentos: a paráfrase e a desambiguação.

A paráfrase consiste em mudanças sutis de expressão que representam não a produção de significados estáveis, mas, sim, o construído psicossociologicamente em uma interação discursiva específica. Já “a desambiguação é uma operação de linguagem que movimentam os aspectos formais da língua e as experiências do indivíduo garantindo, assim, o entendimento dos enunciados” (ARNDT-WAMSER, 2018, p. 14). Os valores que o sujeito agrega ou os que rejeita, de acordo com sua experiência empírica, interessam mais ao linguista que o valor final

atribuído ao enunciado. Nesse sentido, aprender uma língua envolve um trabalho constante de montagem e desmontagem, arranjos, marcas, valores, textos, de construções e reconstruções da significação, possíveis em razão dos processos de paráfrase e desambiguação (HOLMO, 2008).

Nesse ínterim, a atividade epilinguística, para Rezende (2008, p. 98), “ganha toda a sua importância exatamente quando colocamos essas variações radicais de experiência e de expressão ou, ainda, quando defendemos uma indeterminação fundamental da linguagem”, o que significa que os ditos pontos estáveis de significados e valores são sempre a partida para a atividade de paráfrase e desambiguação.

Em *Onze rencontres sur le langage et les langues* (CULIOLI, 2005), nos debates com Normandi, para explicar a atividade epilinguística como uma racionalidade silenciosa, Culioli parte de dois exemplos. Analisa os gestos que uma criança faz ao colocar uma vasilha na cabeça em brincadeira, para simular o uso de um chapéu. Do mesmo modo, refere-se à concha formada pelas duas mãos de um adulto para beber água, como gestos de uma nova racionalidade, ancorados na recuperação de uma racionalidade preexistente. Com isso, afirma que as formas de raciocínio implicadas nestes gestos não passam, necessariamente, por uma verbalização. No entanto, Culioli aceita a racionalidade organizada como um propósito da comunicação, pois é necessária uma estabilidade linear que favoreça trocas para se comunicar. Ao mesmo tempo, defende que é preciso ir além dessa estabilidade para explicar como ela mesma se constitui.

Na visão do autor, nas representações linguísticas, o nível linguístico, na ordem percebida, ocultaria um caos epilinguístico, isto é, uma atividade permanente e inconsciente, capaz de nos fornecer representações entrecruzadas, entrechocadas. O epilinguístico é, assim, nessa perspectiva, “atividade interna não consciente, que pode ser representado por meio de uma forma – a forma da atividade de linguagem – que sustenta as formas linguísticas, os enunciados, os textos, [...] apreendida em termos de esquemas de operação” (ROMERO, 2011, p. 154). Para Culioli, então, a própria linguagem é “uma atividade que supõe, ela mesma, uma perpétua atividade epilinguística (definida como ‘atividade metalinguística não consciente)’”<sup>11</sup> (CULIOLI, 1999a, p.19).

Na visão de Culioli, a atividade epilinguística corresponde a operações de linguagem que trabalham o material da expressão linguística por meio das escolhas do falante, a partir do

---

<sup>11</sup> "Le langage est une activité qui suppose, elle-même, une perpétuelle activité épilinguistique (défini comme activité metalinguistique non consciente)" (CULIOLI, 1999b, p.19).

repertório disponível na língua. Essas escolhas estão vinculadas à atividade de paráfrase, a partir da qual se estabelecem comparações e experimentações, em grande parte inconscientes, e que sustentam a expressão linguística no processo de construção do discurso.

Nas compreensões pedagógicas subjacentes à TOPE, as atividades epilinguísticas são aquelas que, ao serem praticadas continuamente, levam os alunos às atividades de análise metalinguística, um caminho necessário à conscientização do uso da língua em comportamentos sociais. A atividade metalinguística, já em nível consciente, assim, é meio para se alcançar o nível epilinguístico, para materializá-lo, de certa forma, em função das escolhas linguísticas-textuais-discursivas do sujeito produtor. Atento às peculiaridades presentes nos enunciados dos alunos, o professor conduz os seus conhecimentos linguísticos, a partir do que instaura um processo dialógico entre o epilinguístico e o metalinguístico, em situação de ensino de língua, para o ajustamento dos recursos linguísticos às dimensões extralinguísticas. Isto implica afirmar que as atividades linguísticas aqui definidas são ensináveis e, nos termos do ensino de língua, indissociáveis.

Por decorrência, a atividade epilinguística de “procura” já ocorre de modo pré-consciente e dá suporte às operações de linguagem que servem à estabilização dos significados na ação discursiva. “O termo procura refere-se ao exercício de reflexão não-consciente e às operações de linguagem que suportarão os significados postos na produção do discurso” (ARNDT-WAMSER, 2013, p. 39). Trata-se de um processo sempre inacabado, em constante produção, uma incessante reflexão dos processos formadores da significação, que, na sala de aula, ajuda a construir os conhecimentos linguísticos, textuais e discursivos dos alunos, a partir da compreensão e da produção de textos, a desenvolver amplamente a sua competência discursiva (ONOFRE, 2009).

## **1.2 Atividade epilinguística em Franchi**

Em “Linguagem – atividade constitutiva”, Franchi (1977) menciona o termo epilinguístico a partir de Culioli (1968). Assim, compreende que a “a linguagem não é exterior, somente, ao sujeito, mas está em uma relação complexa de exterioridade-interioridade” (FRANCHI, 2002 [1977], p. 59).

É em “Criatividade e gramática” (FRANCHI, 1987), no entanto, que o autor discute a ressignificação do ensino de gramática a partir do princípio do comportamento criativo em linguagem. Franchi encorpa o movimento epistemológico da LA do Brasil, que rebate um ensino tradicional de gramática, em que a metalinguagem, sem a epilinguagem, prevalece como

um fim em si, a servir ao arquivamento da língua e ao assujeitamento, conforme ratificam Polato (2017) e Polato e Menegassi (2020). Por isso, Franchi (1987) trabalha para recolocar a própria noção de criatividade em linguagem centrada exclusivamente no eu, no psiquismo individualista – com a noção plena de sujeito socialmente estabelecido, e passa a tratá-la como prática a ser socialmente apreendida, vivenciada, também, em situação pedagógica de ensino de língua. A proposta é para um ensino de gramática renovado, subjacente aos processos de compreensão e produção de textos.

É desse modo que Franchi (1987) atribui às atividades epilinguísticas a função de, no ensino de gramática, levar o aluno a operar sobre a linguagem, ao comparar expressões por meio de possíveis transformações, experimentar novos modos de construção canônicos ou não, para investir as formas linguísticas de novas significações. Para o autor, a epilinguagem também propicia condições para o desenvolvimento sintático da língua em uso pelos alunos, a tornar operacional e ativo um sistema ao qual já têm acesso, sendo fundamental ao processo criativo, por mover, a partir da ação do sujeito sobre a linguagem, o processo dialético resultante da interação (FRANCHI, 1987). Por isso, a atividade epilinguística seria intensa, “provocada e estimulada pelo professor. Melhor ainda quando supõe a participação, a contribuição, a crítica recíproca, a escolha” (FRANCHI, 1987, p. 42). A relação entre criatividade em linguagem, ensino de gramática e operações de linguagem se dá articulada às ideias de Culioli e Franchi deixa explícito na nota 8 de rodapé de seu texto<sup>12</sup>.

De modo complementar, o autor anuncia que a atividade epilinguística é a responsável por “abrir portas para um trabalho inteligente de sistematização gramatical” posterior (FRANCHI, 1987, p. 42). Assim, no plano metodológico, seria constantemente praticada nos primeiros anos da escolaridade, para que somente depois possa se introduzir o trabalho com a metalinguagem. Ressalte-se que o autor presume a metalinguagem das gramáticas para o trabalho na Educação Básica, ao mesmo tempo que não nega a possibilidade da realização de descrições intuitivas.

No que toca à gramática, por consequência, é concebida como “conjunto das regras e princípios de construção e transformação das expressões de uma língua natural que as correlacionam com seu sentido e possibilitam uma interpretação” (FRANCHI, 1987, p. 42), também como sistema aberto a uma multiplicidade de escolhas que permite não somente ajustar as expressões aos propósitos e intenções significativas do locutor, mas, ainda, marcar cada texto

---

<sup>12</sup> Franchi anuncia em sua nota de rodapé n. 8: “Aqui estou, indiretamente, citando A. Culioli, em seu prefácio à edição francesa de “Philosophie de la grammaire” de Otto Jespersen” (FRANCHI, 1987, p. 44).

com um estilo expressivo e próprio de linguagem. Conforme discutem Polato e Menegassi (2019a), a abordagem sugerida pelo autor remete à relação estilo-gramática, prenunciada por Bakhtin (2003a, 2013), porque o que está em jogo é tanto refletir sobre os efeitos de determinadas escolhas na construção discursiva quanto a estratificação e o enriquecimento do estilo verbal de linguagem do aluno, o que implica no processo de ensino da atividade epilinguística por instrução e orientação mediada pelo docente, no caso do ensino de língua.

A compreensão de Franchi (1987) sobre uma atividade epilinguística operacional, racional, que visa a investir as formas linguísticas de novas significações, volta-se, também, aos processos interacionais, visto que, na escola, ensina-se a compreender e a produzir textos, e a pensar na significação “não somente no sentido de uma representação de mundo, mas no sentido também de uma ação pela linguagem sobre os interlocutores, dependente dos modos e estilo com que nos servimos dela e de seus múltiplos recursos de expressão” (FRANCHI, 1987, p 42). Essa compreensão é retomada com maior detalhamento por Geraldi (1984, 1991), ao examinar e ao discutir a dimensão extralinguística da linguagem como fio da reflexão epilinguística, em coerência epistemológica.

A ressignificação da abordagem gramatical é ponto fulcral para Franchi naquele contexto e, se analisarmos toda a tradição que permeia as práticas de ensino e aprendizagem de linguagem e língua na Educação Básica e no Ensino Superior, percebemos que este é um diálogo ainda legítimo, muito vivo. Não podemos ignorar as abordagens gramaticais como constructos sócio-históricos, culturais e ideológicos quanto não podemos ignorar que tais aspectos constituem as recomendações curriculares oficiais, os livros didáticos, a formação de professores e os próprios documentos oficiais, como a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2017) e os currículos de cada estado brasileiro. Ademais, Geraldi (1991) também não extirpa da prática de AL, ratificada em documentos orientadores do ensino, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), o trabalho com a gramática. Essas questões importam a nossa defesa de a nomenclatura gramatical ser, principalmente, na escola básica, uma das pontes para o diálogo que envolve as atividades epilinguísticas e metalinguísticas na prática de análise linguística, compreendidos os limites da teoria gramatical, que inclusive seriam questionados e superados a partir de uma perspectiva lógica e dialógica, ou seja, de abordagem valorativa. Nesse sentido, considerar-se-iam as discussões sobre a relação estilo-gramática, a partir da qual se vê a escolha gramatical como uma escolha de estilo, visto as estruturas gramaticais serem também sociovaloradas, axiológicas, ideologicamente forjadas nas práticas de linguagem (POLATO; MENEGASSI, 2017, 2019b, 2020), conforme

problematizam Volóchinov (2018[1929]) Medviédev (2019), Bakhtin (1988, 2003a, 2013), por exemplo.

### 1.3 A atividade epilinguística em Geraldi (1984, 1991)

Com Geraldi (1991), em *Portos de Passagem*, concretiza-se uma reavaliação das proposições anteriores, ainda que se conservem características fundantes. Essa reinterpretação do autor é gestada desde seu texto “Subsídios metodológicos para o ensino de Língua Portuguesa” (GERALDI, 1981), quando, pela primeira vez, trata sobre Prática de Análise Linguística. Em *O texto na sala de aula*, Geraldi (1984), a insere numa arquitetura mais ampla, a envolver diversas discussões sobre o ensino de língua (POLATO; MENEGASSI, 2019a), o que a faz ganhar contornos maiores. Geraldi (1984) apenas aventa a atividade epilinguística no interior da Prática de Análise Linguística (PAL), mas não se atém, ainda, a conceituá-la e a caracterizá-la, como o faz em 1991, em *Portos de Passagem*. Por isso, delinea, inicialmente, a PAL como atividade ligada aos processos de revisão e reescrita do texto do aluno, com vistas ao atendimento de um projeto interacional direcionado ao interlocutor, a mirar, do mesmo modo, ao desenvolvimento da autoria do aluno, do que se espera que possa refletir sobre o próprio texto que produz, com vistas a atender o projeto interlocutivo demarcado, a partir da ampliação da consciência socioideológica do uso da língua.

No ínterim dessa proposta, Geraldi (1984) rebate o ensino da metalinguagem como um fim no ensino de língua, assim como rebate a correção textual puramente normativa do texto do aluno, que desconsidera as reflexões que medeiam o atendimento ao projeto discursivo. Portanto, já em *O texto na sala de aula*, Geraldi (1984) deixa entrever, ainda que sem nomear, a ideia de atividade epilinguística como reflexão que considera o eu e o outro e a vontade discursiva como elementos que importam à configuração de um projeto de dizer, num processo de produção textual que extrapola uma conformação estrutural, a vislumbrar o desenvolvimento textual-discursivo do aluno-produtor.

Já ao chegarmos à reinterpretação concretizada em *Portos de Passagem* (GERALDI, 1991), passamos a ter sempre em vista uma perspectiva interacional e dialógica para todas as noções explicitadas sobre o trabalho de ensino e aprendizagem das práticas de leitura, produção textual, análise linguística, por decorrência, a de atividade epilinguística, nesse bojo epistêmico.

Logo no primeiro capítulo de *Portos de Passagem*, “Linguagem e trabalho linguístico”, Geraldi (1991) apresenta a língua como sócio-histórica, cultural e ideológica, do mesmo modo como os sujeitos são em sociedade. O autor enfatiza a historicidade da linguagem, seus eixos

de estabilidade e novidade e liga essa discussão às possibilidades que as atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas encerram enquanto mediadoras das ações que os sujeitos fazem com a linguagem e sobre a linguagem. Estes tópicos são retomados mais adiante, na esteira em que o autor volta a discutir as atividades de linguagem, já a partir da perspectiva da Prática de análise linguística, no terceiro capítulo da obra. Apresentamos, portanto, a sequência de suas definições iniciais sobre as atividades epilinguísticas:

a) as atividades epilinguísticas estão presentes nos processos interacionais, “e neles detectáveis, resultam de uma reflexão que toma os próprios recursos expressivos como seu objeto” (GERALDI, 1991, p. 23);

b) independente da consciência ou não, as atividades epilinguísticas “seriam operações que se manifestam na negociação de sentidos, em hesitações, autocorreções, reelaborações, rasuras, pausas longas, antecipações, lapsos” (GERALDI, 1991, p. 24), presentes nas atividades verbais de interação discursiva;

c) “incidem ora sobre aspectos estruturais da língua (como nas correções auto e heteroiniciadas) ora sobre aspectos mais discursivos como o desenrolar dos processos interativos” (GERALDI, 1991, p. 24-5).

No terceiro capítulo, intitulado “No espaço do trabalho discursivo, alternativas”, atividade epilinguística é retomada ao lado das atividades linguísticas e metalinguísticas, agora a compor o tripé pragmático da prática de AL, que é caracterizada como a própria vivência do conjunto de atividades, que tanto se preocupa em refletir sobre como falamos a respeito do mundo e nossa relação com os temas da vida que compartilhamos com os interlocutores, como se preocupa em falar sobre a linguagem, seu funcionamento, as configurações linguísticas-textuais-discursivas e, no interior destas, em específico, do léxico, das estruturas morfossintáticas e das entonações procedentes, além de outros aspectos (GERALDI, 1991).

Nas palavras do próprio Geraldi, está a justificativa da reinterpretação que recoloca as atividades epilinguísticas e metalinguísticas como integrantes da PAL, assim como questiona o postulado culioliano de as primeiras serem inconscientes:

A distinção entre ambas, com base na consciência ou na inconsciência, como proposto por Culioli, me parece bastante problemática: até que ponto podemos dizer que uma criança que repete a seu companheiro de brincadeiras, como se joga um jogo, retomando explicação que já havia dado, através de uma paráfrase, pratica uma atividade inconsciente? Digamos que o objetivo final desta paráfrase (levar o outro a entender o jogo) seja mais forte de que sua consciência de que está parafraçando. Mas se pode dizer que esta paráfrase é inconsciente? Que a criança não sabe o que está repetindo? Por isso prefiro a expressão ‘análise linguística’, distinguindo no interior dela atividades

epilinguísticas e metalinguísticas a partir de outro critério (GERALDI, 1991, p. 190).

Como vemos, a questão do projeto interacional, das relações interlocutivas, é marcadamente mais forte para Geraldi. Por isso, o autor pendente, com suas indagações, a considerar as atividades epilinguísticas como conscientes<sup>13</sup>, a partir de sua essência pedagógica de levar o aluno a refletir sobre as formas de dizer, cuja “direção [...] tem por objetivos o uso destes recursos expressivos em função das atividades linguísticas em que está engajado” (GERALDI, 1991, p. 190). O autor reivindica as práticas de linguagem como fio condutor do processo de ensino e aprendizagem, a considerar as atividades epilinguísticas como reflexivas e intrinsecamente ligadas às formas e estratégias do dizer mobilizadas pelo locutor em projeto de intercompreensão lançado ao interlocutor, nas diferentes instâncias de uso da linguagem, de interação discursiva. Daí a interpretação de serem representativas de relações sociais refletidas nos textos/enunciados, portanto, possíveis de serem conscientes no seu uso, de serem apreendidas por reflexões guiadas.

Para Geraldi (1991), quanto mais estreitado for o projeto interacional compartilhado com o interlocutor, mais se exige do locutor operar com e sobre a linguagem, justamente um aspecto definidor da atividade epilinguística. Nesse sentido, as ações com a linguagem visam a elucidar o ato que se está praticando em diferentes condições e que produzem diferentes compromissos entre os interlocutores. Já as ações sobre a linguagem, sem desprezar as anteriores, tomam “como seu objeto os próprios recursos linguísticos e obviamente visam ao interlocutor e à produção de sentidos” (GERALDI, 1991, p. 42), sendo as responsáveis pelos deslocamentos no sistema de referências, ao construir novas representações de mundo, “novos mesmo para recursos gramaticalizados, atribuindo-lhes sentidos que, embora externos à gramática, são fundamentais enquanto ‘efeitos de sentido’ no discurso” (GERALDI, 1991, p. 43). Ações sobre a linguagem operam entre o estabilizado historicamente e as novidades que se imprime à língua, ao discurso. Aqui, vemos Geraldi (1991) reverberar, de um outro ponto de

---

<sup>13</sup> De nossa posição, a discussão entre diferentes perspectivas de análises de discursos sobre a questão do consciente e do inconsciente é legítima do ponto de vista de suas distintas ancoragens de compreensão teórica. Explicitamos que, do ponto de vista dialógico, a ideia de inconsciente é reinterpretada a partir do que se chama de consciência socioideológica, com crítica similar ao idealismo e à visão psicologista de cultura, que situam a consciência como morada fixa da ideologia. O tema, *per se*, é denso e carece de uma discussão mais aprofundada que não caberia em exauribilidade plena nesta nota. De todo modo, indicamos que as discussões de Volóchinov (2018 [1929]), em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, e de Bakhtin (2014 [1927]), em *Freudismo: um esboço crítico*, ajudam a elucidar a questão.

vista interpretativo, as proposições de Culioli (1990, p. 14), que definem a atividade epilinguística como “um trabalho de representação, referenciação e equilibração”.

Para Geraldi (1991), as ações com e sobre a linguagem se cruzam em interdependência:

[...] é claro que a ação com a linguagem também produz determinações, mas de fato mais localizadas no discurso que se está produzindo, enquanto nas ações sobre a linguagem o novo, quando incidindo sobre os próprios recursos expressivos tomados como *tema*, *pode se tornar*, digamos assim, ‘o sentido hegemônico’ num momento histórico posterior, para um determinado grupo de falantes ou para os falantes da língua geral (GERALDI, 1991, p. 43, grifos nossos).

Ao nos voltarmos à ideia de que as atividades epilinguísticas são as responsáveis pelas operações com e sobre a linguagem, a manter inter-relações com as atividades metalinguísticas, compreendemos que as primeiras deflagram reflexões sobre a vida social do discurso, sobre valores compartilhados. Essas mesmas reflexões permitem outras mais pontuais, a partir de temas eleitos para abordagem metalinguística. No caso, abre-se um parêntese para se compreender que abordagem gramatical na Educação Básica e no Ensino Superior passa a ser sociovalorada no interior da prática de análise linguística de perspectiva dialógica (POLATO; MENEGASSI, 2017, 2019a, b), que, ao envolver a relação estilo-gramática, pela compreensão indissociável de relações lógicas e dialógicas, promove a expansão da própria compreensão de fenômenos descritos pela gramática (POLATO; MENEGASSI, 2020).

Ao defender a historicidade da língua(gem), Geraldi (1991) afirma que a construção de um texto se dá por meio de “operações discursivas”, sendo a própria língua uma sistematização aberta, da qual o locutor faz uso para construir sua proposta de compreensão interlocutiva. Ele difere de Culioli, que, por considerar a atividade epilinguística a própria linguagem, nomeia as operações que os sujeitos fazem sobre a linguagem como “operações de linguagem”. Difere de Franchi, que conceitua a gramática como uma sistematização aberta. Para Geraldi (1991), essa sistematização aberta é a língua com sua gramática, como concretização discursiva. Disso depreendemos que as “operações discursivas” de Geraldi (1991), decorrentes e presentes nas atividades verbais, são frutos de atividades epilinguísticas conscientes, a considerar que estamos tratando, principalmente, de duas situações: a) de reflexões assentadas em relações extralinguísticas que integram, em maior ou menor nível expansivo, a consciência socioideológica e sociovalorativa do sujeito, que opera com e sobre a língua para estreitar dado projeto de interlocução; b) de reflexões deflagradas e mediadas pelo professor no processo de ensino e aprendizagem, seja na compreensão, seja na produção de textos e que levam o sujeito-

aluno a refletir sobre o uso social da língua(gem) e não como um fim em si, apenas apoiado no trabalho com a gramática normativa, mas a partir da orientação semântico-objetal/temática e interlocutiva inerente à enunciação, de modo a expandir esses mesmos níveis de consciência sobre os valores sociais reflexas na língua/discurso em análise, a partir de sua perspectiva interacional e dialógica de abordagem.

O tripé formador da AL, as atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas, tanto é pragmático quanto é sociológico, ao se relacionar com as questões que envolvem a língua, os sujeitos e os enunciados, como discutem Polato e Menegassi (2019a). Da mesma forma, é constituído a partir de interdependências de mútua influência: a atividade epilinguística expande a compreensão metalinguística, assim como esta serve à própria função reflexiva expansiva da primeira, em movimento dialético e dialógico. A atividade metalinguística, na sua ligação com a epilinguística, não é propriamente apenas uma atividade de tornar consciente um fenômeno de uso da linguagem, como definido por Culioli (1990, 1999a, b), mas, nos termos do processo de ensino e aprendizagem, de constituir a apropriação do conhecimento teórico-científico e cultural, ao qual o aluno tem direito e necessita para uso em situações analíticas e de uso futuras em situação de interação discursiva.

#### 1.4 A PAL com orientações interacionais e dialógicas

As reinterpretções de Geraldi (1984, 1991) logram amplo alcance acadêmico e passaram a ser repercutidas, parafraseadas e referenciadas por pesquisadores e documentos oficiais, como nos PCN (BRASIL, 1998). Tal documento tanto propulsiona o trabalho com gêneros discursivos quanto ratifica a AL como eixo de ensino, de modo que a LA do Brasil passa a atualizar a atividade epilinguística como integrante necessária às Práticas de Análise Linguística (PAL), a partir da perspectiva do trabalho pedagógico com os gêneros discursivos.

Decorre que, na primeira década de 2000, alguns trabalhos tomam parcial e abertamente a teoria dialógica do Círculo de Bakhtin como baliza à discussão da PAL, na perspectiva dos gêneros. Em Perfeito (2005, 2007) e Perfeito, Cecílio e Costa-Hübes (2007), temos exemplos de interpretações brasileiras expansivas à proposta de Geraldi (1984, 1991) e respondentes à orientação dos PCN (BRASIL, 1998), a contemplar as atividades epilinguísticas e metalinguísticas nas práticas de leitura e reescrita textuais, já a considerar aspectos do estilo verbal dos gêneros.

Em fenômeno paralelo, ocorre a emergência de trabalhos que não referenciam diretamente proposições do Círculo de Bakhtin, mas recuperam diretamente as vozes interacionistas e dialógicas de Geraldi (1984, 1991). É o caso de proposições em termos de

referenciação na LA do Brasil, como as de Mendonça (2006) e Bezerra e Reinaldo (2013). A primeira confirma a PAL como atividade que “possibilitaria reflexões conscientes sobre fenômenos gramaticais e textual-discursivos que perpassam os usos linguísticos, seja no momento de ler/escutar, de produzir textos ou de refletir sobre esses mesmos usos da língua” (MENDONÇA, 2006, p. 205); a segunda referência enfatiza o trabalho de PAL como aquele que incide sobre as estratégias de dizer do locutor, a acrescentar que devam ocorrer a partir do conjunto historicamente constituído das configurações textuais, na mesma linha prenunciada por Geraldí (1991), mas já a contemplar a indicação para o trabalho com gêneros, numa diferenciação marcada com o autor precedente. Nos trabalhos pertencentes às duas tendências, não percebemos uma discussão das atividades epilinguísticas em separado, com recuperação de seus aspectos conceituais e teórico-metodológicos. A referência aparece generalizada, constituída no interior do próprio conceito de PAL. Por outro lado, são trabalhos que representam avanços importantes e significativos à divulgação e ampliação da proposta de PAL no país.

Na esteira do desenvolvimento histórico, à medida que a proposta de PAL se desenvolve mais verticalmente com ancoragem em pressupostos da teoria dialógica do Círculo de Bakhtin, a tendência de abordagem de aspectos valorativos de constituição do discurso se intensifica. O trabalho de Cecílio (2009), por exemplo, além de abordar as situações de produção dos enunciados em sua dimensão sócio-histórica, associadas à análise do conteúdo temático, da construção composicional e das marcas linguísticas e enunciativas mobilizadas em gêneros eleitos, enfatiza a vontade discursiva do autor, que constrói seu texto de acordo com a finalidade e a apreciação valorativa que faz sobre o(s) interlocutor(es) e o(s) tema(s). Em trabalhos como esse, a proposta de Geraldí, aos poucos, ganha fundamentação dialógica explícita. Do mesmo modo, observados trabalhos como o de Vedovatto (2009), que enfoca conceitos de Bakhtin e o Círculo como estilo, tema, tom, significação, enunciado e conceitos axiológicos. Essa tendência para uma abordagem mais valorativa dos aspectos linguísticos se reflete profícua na segunda década de 2000. Assim, os elos entre a perspectiva dialógica de trabalho com a linguagem e a PAL se estreitam em relações dialógicas.

De todo modo, conforme problematiza Polato (2017), como houve na década de 1990 um silenciamento da proposta de PAL, os trabalhos da primeira década de 2000 concentram sua energia na recuperação da proposta de Geraldí (1991) e na expansão conceitual da PAL a partir de diversas bases teóricas, inclusive as do dialogismo. Por consequência do próprio caráter de inovação, o delineamento teórico-metodológico da PAL, na primeira década de 2000,

mostra-se mais geral, mas não especificamente centrado nas possibilidades de desenvolvimento de atividades epilinguísticas com o aluno. Assim, a recuperação específica dos já ditos sobre as atividades epilinguísticas e o desenvolvimento de possíveis propostas de como realizá-las estabelecem-se como flancos abertos, sem uma sistematização, o que apontamos como um aspecto que ainda precisa ser revisitado e ampliado no campo da LA do Brasil.

Com o fortalecimento da divulgação da teoria dialógica na segunda década de 2000, tornam-se mais presentes os trabalhos que tomam a PAL como objeto, que partem da perspectiva dialógica de trabalho com a linguagem, com discussões especificamente ancoradas nas proposições do Círculo de Bakhtin, ou mesmo com filiação declarada nas proposições subjacentes à proposta da Análise Dialógica de Discurso (BRAIT, 2008). Esses trabalhos mostram-se cada vez mais atenciosos à discussão que envolve aspectos valorativos da constituição do discurso. São exemplos trabalhos como os de Ritter (2012), Kraemer (2013), Ohuschi (2013). Se há, nesses trabalhos, a preocupação com aspectos valorativos, é certo que a atividade epilinguística se mostra viva e participante deles, no entanto, ainda sem uma preocupação com a recuperação e a sistematização de seus aspectos característicos, ou apresentação de propostas de expansão dialógica.

Já no final da segunda década 2000, Polato e Menegassi (2017, 2019a, b, 2020), Mendes-Polato, Ohuschi e Menegassi (2020), investem na compreensão e expansão dialógica das atividades integrantes do tripé da PAL. Nestes trabalhos, as atividades epilinguísticas ganham contornos teórico-metodológicos dialógicos mais precisos, com apontamentos de entradas específicas, a partir de ancoragem em conceitos do dialogismo. Os autores notam, em suas investigações, que a generalidade das definições de atividade epilinguística não ajuda o professor a construir elaborações mediadoras da reflexão do aluno (POLATO; MENEGASSI, 2020). Assim, prospectam que, em perspectiva dialógica, as atividades epilinguísticas servem a mediar reflexões para que os sujeitos-alunos compreendam as operações valorativas com e sobre a linguagem, realizadas pelo autor de linguagem para compartilhar posicionamentos axiológicos de dizer, visto o discurso estar invariavelmente perpassado de projeções axiológico-ideológicas. Nesse sentido, as atividades epilinguísticas incidem sobre pontos específicos de análise, a envolver a mobilização de juízos de valor ou valorações, apreciações, entonações, dialogicidade de vozes sociais, configurações cronotópicas, composicionais e outras que conferem ressaltos valorativos convergentes ao projeto temático de dizer constituído no enunciado, a partir da interação autor-interlocutor-tema (VOLOCHÍNOV, 2013 [1926]). Essas atividades, ainda,

medeiam o diálogo entre a consciência socioideológica do aluno e as manifestadas no enunciado em estudo e em possíveis outros com os quais se estabelecem relações dialógicas (VOLOCHÍNOV 2013[1926], 2018[1929]) com vistas ao alargamento dessa mesma consciência para a emancipação humana (MENDES-POLATO; OHUSCHI; MENEGASSI, 2020, p. 132).

Em nível social e de forma dialética e dialógica, as atividades epilinguísticas colocam em foco a ampliação do horizonte apreciativo, ao levar o sujeito-aluno a refletir sobre novos aspectos da existência que passam a integrar “o horizonte de interesses sociais” (VOLÓCHINOV, 2018[1929], p. 238), que culminam na reavaliação ininterrupta da própria língua em uso. Trata-se de compreender como escolhas vocabulares, sintáticas e outras seriam analisadas de um ponto de vista valorativo, semântico-objetal/temático, ou seja, como signos e estruturas são mobilizadas para representar valores, vozes e relações sociais, por sua vez refletidas na materialidade verbal (VOLOCHÍNOV, 2013 [1930], BAKHTIN, 1988[1975]).

Assim, a compreensão da constituição dos sentidos no enunciado passa a ser vinculada às relações dialógicas, ou seja, àquelas relações que se estabelecem entre os enunciados a partir de nexos semânticos próprios à discursivização de determinadas temáticas da vida social (BAKHTIN, 2003b).

## 2 Aspectos teórico-metodológicos da atividade epilinguística

Arrolados e discutidos os aspectos históricos e teóricos da atividade epilinguística, desde sua proposição na Linguística Geral até sua reinterpretação pedagógica e seus desenvolvimentos de expansão dialógica na LA do Brasil, reunimos, no Quadro 1, a descrição das proposições enunciadas em Culioli (1968, 1990), Franchi (1987) e Geraldi (1984, 1991). A descrição preliminar nos permite retomar as expansões dialógicas e estabelecer relações entre si e os princípios basilares fundantes encontrados nos três autores.

**Quadro 1** – Descrição de aspectos fundantes enunciados sobre as atividades epilinguísticas

Culioli (1968, 1990)	Franchi (1987)	Geraldi (1984, 1991)
Sinônimo de linguagem e trabalho de representação, referenciação e equilíbrio.	Atividade ligada às condições linguísticas de produção de enunciados, que favorece o comportamento criativo em linguagem, a seleção de recursos expressivos, em convergência às intenções discursivas e à estratificação do estilo de linguagem do aluno.	Atividade que medeia ações com a linguagem, e toma como objeto os próprios recursos linguísticos com vistas à produção de sentidos, sendo responsável pelos deslocamentos no sistema de referências, ao construir novas representações de mundo a partir da abordagem de temas da vida social.

Atividade que compõe o nível da representação, junto com as atividades linguísticas e metalinguísticas.	Atividade que, inserida às atividades linguísticas circunstanciadas, antecede a atividade metalinguística e medeia o ensino gramatical.	Atividade que, inserida às atividades linguísticas representativas da interação e da interlocução, antecede a atividade metalinguística, a compor o tripé pragmático da Prática de Análise Linguística.
Atividade inconsciente que constitui glosas linguísticas de natureza espontânea pelo enunciador ou famílias parafrásticas pelo enunciador linguista.	Atividade estimulada e provocada pela mediação do professor a ser constantemente praticada, especialmente nos anos iniciais da escolaridade.	Atividade consciente de reflexão sobre a linguagem em uso, que deflagra a construção de operações discursivas, com ancoragem nas condições de produção de textos e discursos, às quais podem ser descritas em práticas metalinguísticas.
Lugar de materialização de operações de linguagem e também das invariantes linguísticas pela referenciação.	Processo criativo e dialético resultante da interação, dado a partir da ação do sujeito sobre a linguagem.	Atividade que medeia ações sobre a linguagem e opera entre o estabilizado historicamente e as novidades que se imprimem à língua, ao discurso.
Processo dialógico de equilíbrio que se estabelece a partir da relação entre aquele que enuncia com o outro ou com um intrassujeito, a permitir a avaliação do que dizer e como dizer.	Atividade de representação de mundo, de ação pela linguagem sobre os interlocutores.	Atividade que leva o aluno a refletir sobre as formas e estratégias de dizer dirigidas a um interlocutor, a utilizar os recursos expressivos em função das atividades linguísticas em que está engajado.
Processo formador de um jogo de construção de arranjos léxico-gramaticais e a avaliação de sua pertinência em esforço anterior à sua verbalização.	Atividade responsável por desencadear escolhas gramaticais, com vistas à produção de efeitos de sentidos.	Atividades de reflexão que tanto incidem sobre aspectos estruturais da língua, como nas correções auto e heteroiniciadas, ora sobre aspectos mais discursivos como o desenrolar dos processos interativos.
Trabalho de montagem e desmontagem de arranjos, significados ou valores, pela mediação dos movimentos de paráfrase e desambiguação.	Atividade intensa de experimentação de escolhas gramaticais para estratificação do estilo verbal de linguagem do aluno, a investir a língua de novas significações.	Atividade de reflexão sobre o uso dos próprios recursos linguísticos, com vistas ao interlocutor e à produção de sentidos.
Atividade interna não consciente, apreendida em termos de esquemas de operação que se tornam conscientes pela atividade metalinguística.	Atividade estimulada, provocada pelo professor, especialmente nas primeiras séries da escolaridade, como preparatória à introdução de trabalho posterior com a metalinguagem.	Atividades reflexivas que medeiam a construção de um projeto de intercompreensão lançado ao interlocutor, que resultam em operações discursivas a serem descritas e explicadas pela atividade metalinguística.
Corresponde a operações de linguagem que trabalham o material da expressão linguística por meio das escolhas do falante, a partir do repertório disponível na língua.	Atividade que tem a função levar o aluno a operar sobre a linguagem, a compreender e escolher recurso gramatical disponível nos processos de compreensão e produção de textos.	Atividade que medeia a compreensão e a produção consciente de operações discursivas nas atividades de leitura e produção de textos.
Processo inacabado, em constante produção, deflagrado por uma incessante reflexão dos processos formadores da significação.	Atividade de constante experimentação de modos canônicos ou não de uso de recursos gramaticais para se produzir efeitos de sentido.	Atividade aberta, como busca significativa de outras reflexões sobre a linguagem.

Fonte: Os autores.

O Quadro 1, apesar de não concretizar um comparativo pleno entre conceitos e suas caracterizações, permite-nos visualizar e estabelecer relações que apontam a certas intersecções ou diferenças entre os pressupostos enunciados pelos três autores aqui analisados. A partir dele, é possível elaborar tópicos sintéticos de aspectos característicos que compõem orientações teórico-metodológicas dialógicas da atividade epilinguística, a considerar que se constituem no e a partir do fio do desenvolvimento histórico do objeto.

No Quadro 2, ao topicalizarmos a síntese dialógica, constituímos a caracterização de aspectos teórico-metodológicos orientadores da compreensão e da prática da atividade epilinguística em PAL pedagógica, o que aqui fazemos na forma de tópicos sintéticos organizados em dois grupos correlacionados: a) princípios orientadores fundamentais; b) princípios pragmáticos subjacentes.

Quadro 2: Princípios fundamentais e pragmáticos à atividade epilinguística em perspectiva dialógica

Princípios orientadores fundamentais	Princípios pragmáticos relacionados
A atividade epilinguística, nas práticas pedagógicas, está inserida à atividade linguística circunstanciada e compõe o tripé pragmático e sociológico da Prática de Análise Linguística em perspectiva dialógica, em relação de interdependência bilateral com a atividade metalinguística.	A atividade epilinguística, obrigatoriamente, antecede qualquer atividade metalinguística que, por sua vez, expande descrições consolidadas, já a considerar a reflexão deflagrada na atividade epilinguística sobre fenômenos textuais, linguísticos, discursivos e enunciativos peculiares ao enunciado concretizado em gêneros mobilizadores de discurso. A atividade epilinguística utiliza-se, bilateralmente, de uma metalinguagem para instigar reflexões, a depender da avaliação sobre do nível de conhecimento metalinguístico dos alunos.
Atividades epilinguísticas em perspectiva dialógica constituem-se em reflexões conscientes, mediadas pelo professor ou realizadas pelo próprio aluno, a considerar as dimensões extralinguísticas e linguísticas do enunciado. Objetivam levar os sujeitos-alunos a compreender, apreender e efetivar operações valorativas com e sobre a linguagem, a corroborar a reavaliação da língua e serem subsidiárias do compartilhamento de um projeto axiológico e temático de dizer entre autor e interlocutor no enunciado.	A partir da dimensão extralinguística, atividades epilinguísticas levam a refletir sobre a constituição do discurso e sobre como: a) os cronotopos o perpassam axiológica e ideologicamente; b) as esferas e os campos ideológicos de comunicação nele legitimam projeções valorativas e ideológicas; c) a situação de interação discursiva as regulariza, de modo a contribuir para o desenvolvimento da consciência socioideológica dos estudantes acerca do uso da linguagem. Atividades epilinguísticas buscam compreender os gêneros mobilizadores do discurso como arcabouços valorativos com meios próprios para expressar a realidade. Na dimensão linguística, as atividades epilinguísticas levam a refletir sobre aspectos textuais e composicionais, relações lógicas e dialógicas, mobilização de valorações, entonações vinculadas, configurações de cronotopos internos, formas valoradas de introdução do discurso alheio no discurso autoral.
Atividades epilinguísticas expandem e aceleram os horizontes apreciativos dos sujeitos-alunos pela reflexão mediada.	Consideram escolhas gramaticais como escolhas valoradas de estilo. Enriquecem a linguagem dos alunos e favorecem o desenvolvimento do estilo próprio de linguagem.

Fonte: Os autores.

Os Quadros 1 e 2 sistematizam, de forma dialógica, todos os aspectos levantados nas análises das obras de Culioli (1968, 1990, 1999a, b), Franchi (1987) e Geraldi (1984, 1991), a compilar as caracterizações essenciais à compreensão do que é atividade epilinguística no percurso histórico de sua anunciação até os estudos atuais na LA do Brasil.

### **Considerações finais**

Ao traçarmos o percurso histórico e analítico das atividades epilinguísticas, a partir de sua proposição na Linguística Geral à sua reinterpretação pedagógica e seus desenvolvimentos de expansão dialógica na LA do Brasil, assim como ao apontarmos os entrelaçamentos dialógicos que constituem seus pressupostos teórico-metodológicos à orientação pedagógica, sistematizamos e caracterizamos os aspectos fundamentais, a relacionar princípios teóricos, pragmáticos e sociológicos correspondentes, com o intuito de contribuir para uma possível direção teórica, metodológica e, até mesmo, pedagógica sob o viés dialógico.

A síntese caracterizada aponta a orientações gerais a serem consideradas para o investimento e empreendimento necessário de atividades epilinguísticas no processo de ensino e aprendizagem de língua:

- a atividade epilinguística é condição indispensável e fulcral à compreensão e à produção de discursos em situação pedagógica, seja a partir de práticas de leitura ou escuta ou de produção de textos orais ou escritos;

- a atividade epilinguística é planejada a partir de diferentes perspectivas discursivas, tanto as que concebem a produção discursiva a considerar a ideia de inconsciente, como as que trabalham com a noção de produção discursiva a partir da formação da consciência socioideológica, como é o caso da perspectiva dialógica;

- a atividade epilinguística, em perspectiva dialógica, favorece: a) a ampliação dos horizontes apreciativos dos sujeitos-alunos e, logo, a expansão de seus níveis de consciência socioideológica, por decorrência, sociovalorativa para uso da língua(gem); b) a compreensão enunciativa de valores referenciais representados na e pela linguagem, com ancoragem nos princípios da revalorização ininterrupta da língua, da constituição permanente dos sujeitos, o que é imperativo à emancipação humana e às transformações sociais pelo diálogo.

### **Referências**

ACOSTA-PEREIRA, Rodrigo; BRAIT, Beth. Revisitando o estudo/estatuto dialógico da palavra-enunciado. *Linguagem em (Dis)curso* – LemD, Tubarão, v. 20, n. 1, p. 125-141, jan./abr. 2020. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1518-76322020000100125&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1518-76322020000100125&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 10 de ago. 2020.

ALMEIDA, Suzana Rosa de; KIIHL, Juliana Perez. Os passos para a construção de sentido pela criança e seu interlocutor no cenário enunciativo. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v.2 n 46, p. 457-468, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v46i2.1573>.

ARNDT-WAMSER, Camila. *Atividade epilinguística em sala de aula: as interpretações naturais feitas pelos alunos*. 2013. 186f. Dissertação (Mestrado em linguística e língua portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, São Paulo, 2013.

ARNDT-WAMSER, Camila. *Atividade epilinguística e ensino de língua materna: uma proposta de gramática reflexiva sobre a marca como para o ensino fundamental*. 2018. 242f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2018.

ARNDT-WAMSER, Camila; REZENDE, Letícia Marcondes. Atividade epilinguística em sala de aula: uma proposta possível. *Revista Estudos Linguísticos*, v.43, n.2, p.774-787, 2014. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/480>. Acesso em: 16 abr. 2020.

ARNDT-WAMSER, Camila; REZENDE, Letícia Marcondes. Atividade epilinguística: um caminho para o trabalho com as operações de linguagem no ensino de língua materna. *Revista Ecos*, Sinop, v.26, n.1, p. 295-320, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/4161>. Acesso em: 16 abr. 2020.

AUROUX, Sylvain (Org.) *Histoire des idées linguistiques vol. 1*. Bruxelles: Pierre Mardaga. 1989.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *O freudismo: um esboço crítico*. São Paulo: Perspectiva, 2014 [1927].

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Questões de estilística no ensino de língua*. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2013 [1940-1960].

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução Paulo Bezerra. 4.ed. São Paulo: Forense-Universitária, 2008 [1940-1941].

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003a [1979], p. 261-306.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003b [1979], p. 307-336.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Metodologias das ciências humanas. In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003c [1979], p. 393-410.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini *et al.* São Paulo: Ed. da UNESP, 1988 [1975].

BEZERRA, Maria Auxiliadora; REINALDO, Maria Augusta. *Análise linguística, afinal, a que se refere?* São Paulo: Cortez, 2013.

- BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 9-32.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Fundamentos pedagógicos e estrutura geral da BNCC*. Brasília, DF, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa: terceiro e quarto ciclos*. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998
- CECÍLIO, Sandra Regina. *O ensino de língua portuguesa e os gêneros discursivos: um estudo de análise linguística a partir dos gêneros carta de reclamação e texto de divulgação científica*. 2009. 281f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?view=vtls000147996>. Acesso em: 10 nov. 2020.
- COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. Uma tentativa de análise linguística de um texto do gênero 'relato histórico'. *Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça, v. 10, p. 181-205, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ld/v10n1/v10n1a09.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2015.
- COSTA-HUBES, Terezinha da Conceição. Prática de análise linguística no ensino fundamental e sua relação com os gêneros discursivos. *Percursos Linguísticos*, Vitória, v. 7, n. 14, p. 273-298, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/15153>. Acesso em: 20 de set. 2019.
- CULIOLI, Antoine. La formalisation en linguistique. *Cahiers pour l'Analyse*, Paris, 1968, p. 106-117; repris dans Culioli-Fuchs-Pêcheux (1970), p. 1-13.
- CULIOLI, Antoine. *Pour une linguistique de l'énonciation tome 1. Opérations et représentations*. Paris: Ophrys, 1990.
- CULIOLI, Antoine. *Pour une linguistique de l'énonciation tome 2. Formalisation et opérations de repérage*. Paris: Ophrys, 1999.
- CULIOLI, Antoine. *Pour une linguistique de l'énonciation tome 3. Domaine notionnel*. Paris: Ophrys, 1999.
- CULIOLI, Antoine. NORMAND, Claudine. *Onze rencontres sur le langage et les langues*. Paris: Ophrys. 2005.
- FRANCHI, Carlos. Linguagem – atividade constitutiva. *Revista do GEL*, Número especial. 50º Seminário em memória de Carlos Franchi (1932-2001). São Paulo: Contexto, 2002 [1977].
- FRANCHI, Carlos. Criatividade e gramática. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 9, p. 5-45, 1987.
- FRANCO, Neil Armstrong; ACOSTA PEREIRA, Rodrigo; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. Por uma análise dialógica do discurso. In: GARCIA, Dantielli Assumpção; SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari. *De 1969 a 2019: um percurso da/na análise de discurso*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019. p. 275-300.
- FUCHS, Catherine; LE GOFFIC, Pierre. *Iniciation aux problèmes des linguistiques contemporaines*. Paris: Hachette, 1985.

- GERALDI, João Wanderley. Subsídios metodológicos para o Ensino de Língua Portuguesa (5ª a 8ª série). *Cadernos da FIDENE*, Ijuí: FIDENE, 1981.
- GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula: leitura e produção*. Cascavel: Assoeste, 1984.
- GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- HOLMO, Milenne Biasotto. *Para uma abordagem enunciativa no ensino de língua estrangeira: paráfrase e atividade epilinguística*. 2008. 126f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2008.
- KRAEMER, Márcia Adriana Dias. *Reflexão sobre o trabalho docente: o conhecimento construído na formação continuada e a transposição didática*. 2013. 321f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?view=vtls000184697>. Acesso em: 23 mai. 2015.
- LIMA, Maria Auxiliadora Ferreira. De que modo a gramática pode contribuir para a funcionalidade do ensino de língua materna? *Revista do GELNE*, Natal, v. 18. n. 2, p.7-30, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/11197>. Acesso em: 10 de abril, 2019.
- MEDVIÉDEV, Pavel. *O método formal nos estudos literários*. São Paulo: Contexto, 2019.
- MENDONÇA, Márcia. Análise linguística no Ensino Médio: um novo olhar, um outro objeto. In: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (Org.). *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo. Parábola Editorial, 2006. p. 199-226.
- MENDES-POLATO, Adriana Delmira.; OHUSCHI, Márcia Cristina Greco.; MENEGASSI, Renilson José. Análise linguística em charge: sequência de atividades dialógicas. *Línguas & Letras*, Cascavel, n. 49, v. 21, p. 127-154, 2020. Disponível em: <https://erevista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/24631>. Acesso em: 10 nov. 2021.
- OHUSCHI, Márcia Cristina Greco. *Ressignificação de saberes na formação continuada: A responsividade docente no estudo das marcas linguístico-enunciativas dos gêneros notícia e reportagem*. 2013. 302f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.
- ONOFRE, Marília. *Operações de linguagem e implicações enunciativas da marca “Se”*. 2003. 174f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2003.
- ONOFRE, Marília. A enunciação linguística: entre a estabilidade e a plasticidade linguística. In: ONOFRE, Marília.; REZENDE, Letícia Marcondes (Org.). *Linguagem e línguas naturais: clivagem entre o enunciado e a enunciação*. São Carlos: Pedro & João, 2009. p.83-94.
- PERFEITO, Alba Maria. Concepções de linguagem, teorias subjacentes e ensino de Língua Portuguesa. In: SANTOS, Anne Rose; RITTER, Lilian Cristina Buzato. *Concepções de linguagem e o ensino de Língua Portuguesa*. Maringá: EDUEM, 2005. p. 27-79.
- PERFEITO, Alba Maria; CECILIO, Sandra Regina; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. Leitura e análise linguística: diagnóstico e proposta de intervenção. *Acta Scientiarum Human and Social Sciences*, Maringá, v. 29, n. 2, p. 137-149, 2007. Disponível

em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/730>. Acesso em: 20 de jun. 2020.

POLATO, Adriana Delmira Mendes. *Análise linguística: do estado da arte ao estatuto dialógico*. 2017. 231f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017.

POLATO, Adriana Delmira Mendes; MENEGASSI, Renilson José. O estilo verbal como o lugar dialógico e pluridiscursivo das relações sociais: um estatuto dialógico para a análise linguística. *Bakhtiniana - Revista de Estudos do Discurso*, São Paulo, n. 12, v. 2, p. 123-143, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/27809>. Acesso em: 10 ago. 2021.

POLATO, Adriana Delmira Mendes; MENEGASSI, Renilson José. A epistemologia dialógica da análise linguística. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 3742- 3757, 2019a. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2019v16n2p3742>. Acesso em: 15 out. 2022.

POLATO, Adriana Delmira Mendes; MENEGASSI, Renilson José. O estatuto dialógico da análise linguística: caracterização teórico-pedagógica. *Acta Scientiarum: Language and Culture*, Maringá, n. 2, v. 41, p. 1-12, 2019b. disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/44773/751375149093>. Acesso em: 10 nov. 2022.

POLATO, Adriana Delmira Mendes; MENEGASSI, Renilson José. Atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas: expansão dialógica. *Revista de Estudos da Linguagem*, n. 2, v. 29, p. 1-41, 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/15590>. Acesso em: 10 nov. 2021.

REZENDE, Letícia Marcondes. Atividade epilinguísticas e o ensino de Língua Portuguesa. *Revista do Gel*, v.5, n.1, p.95-108, 2008. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/136>. Acesso em: 16 abr. 2020.

RITTER, Lilian Cristina Buzato. *Práticas de leitura/análise linguística com crônicas no Ensino Médio: proposta de elaboração didática*. 2012. 240f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

ROHLING, Nívea. Conteúdos de ensino na disciplina de Língua Portuguesa: o embate entre o discurso da tradição e o discurso da mudança. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, v. 14, n. 1, p. 123-137, jan./abr. 2014. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-76322014000100008](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-76322014000100008). Acesso em: 10 fev. 2020.

ROJO, Roxane. Fazer linguística aplicada em perspectiva sócio-histórica: entre a privação sofrida e a leveza de pensamento. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 253-275.

ROMERO, Márcia. Epilinguismo: considerações acerca de sua conceitualização em Antoine Culioli e Carlos Franchi. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, Porto Alegre, v.9, n.16, p.52-163, 2011. Disponível em: [http://revel.inf.br/files/artigos/revel\\_16\\_epilinguismo.pdf](http://revel.inf.br/files/artigos/revel_16_epilinguismo.pdf). Acesso em: 16 abr. 2020.

SOBRAL, Adail Ubirajra; GIACOMELLI, Karina. Elementos sobre as propostas de Voloshinov no âmbito da concepção dialógica de linguagem. In: RODRIGUES, R. H.;

ACOSTA-PEREIRA, R. (Org.). *Estudos dialógicos da linguagem e pesquisas em Linguística Aplicada*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016. p. 141-162.

VEDOVATO, Luciana. O gênero poema em sala de aula: uma proposta de estudo e transposição didática. 2008. 155f. Dissertação. (Mestrado em Estudos da Linguagem) – UEL, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?view=vtls000147490>. Acesso em: 17 jun. 2015.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Editora 34, 2018 [1929].

VOLÓCHINOV, Valentin. Palavra na vida e palavra na poesia. Introdução ao problema da poética sociológica. Tradução de João Wanderley Geraldi. In: \_\_\_\_\_. *A construção da enunciação e outros ensaios*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013 [1926], p.71-100.

*Recebido em 16 de agosto de 2023  
Aceito em 07 de novembro de 2023*